

/ PALAVRA DO LEITOR

Varejo no Interior

A rede Deltasul, de eletrodomésticos e móveis e com mais de sete décadas de atuação, fechou unidades nas cidades de Osório, Tapes, Taquari e Viamão, gerando demissões e expondo dificuldades do setor (**Jornal do Comércio**, edição de 21/07/2026). As plataformas de vendas digitais estão acabando com os comércios locais, principalmente no interior do Estado. Cabe a nós também ter a consciência de não deixar de consumir nas lojas físicas das nossas cidades. (Veronica Regert)



Varejo no Interior II

Tapes é uma cidade que tem sua economia ancorada na lavoura de arroz, produto que teve seu preço despencado levando a um empobrecimento da população. Esta é uma das lojas a fechar e o mesmo acontece em outras cidades. Basta ver a quantidade de imóveis fechados sem interessados, pois poucos têm coragem de empreender diante dos abusos impostos pelo governo. Na capital gaúcha, o cenário se repete. Somos taxados absurdamente a todo momento. O que podemos esperar? (Ignez Maraninchi)

Varejo no Interior III

A venda online vai representar em cinco anos 50% das movimentações do comércio. Além disso, há uma carga tributária absurda, custos aumentando, leis trabalhistas ultrapassadas. É um cenário desolador. (Rodrigo Chaise)

Varejo no Interior IV

Quem já entrou em uma loja física para tentar comprar algo sabe a queda na qualidade do atendimento. Estamos numa geração de vendedores que mostram aquilo que o cliente já vê, que é preço e condição. (Fernando Goulart Lopes)

Varejo no Interior V

O consumidor vai na loja física, compara preços com a loja online e acaba comprando pela internet. Como as lojas físicas vão sobreviver? (Silvio Silveira)

Clima

O governador Eduardo Leite visitou quatro municípios do Vale do Taquari: Lajeado, Estrela, Encantado e Santa Tereza, afetados pela primeira enchente do Rio Grande do Sul em 2026, e admitiu que houve um desalinhamento entre as previsões divulgadas antes do evento e o que de fato ocorreu (JC, 24/07/2026). Não houve falha na comunicação, houve excesso de confiança nos modelos. (Fabio Rodrigues)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

E agora, que a bola parou de rolar?

Suzana Vellinho Englert

O apito final encerrou a Copa. As arquibancadas se esvaziaram, os campeões levantaram a taça e milhões de torcedores voltaram à rotina. Mas é justamente quando a bola para de rolar que começam as reflexões mais importantes. O futebol deixou de ser apenas um esporte. Tornou-se uma das indústrias mais sofisticadas do planeta, movimentando bilhões, conectando culturas e inspirando modelos de gestão, inovação e liderança. Dentro de campo, o talento continua indispensável, mas já não basta. As seleções que chegaram mais longe mostraram que vencer exige planejamento, preparação, tecnologia, análise de dados, trabalho coletivo e capacidade de adaptação. O imprevisto encanta, mas é a consistência que sustenta resultados.

Fora das quatro linhas, a lição é a mesma. Empresas, instituições e cidades enfrentam um cenário de mudanças aceleradas. Inteligência artificial, transformação digital, sustentabilidade e novas expectativas da sociedade exigem líderes preparados para aprender, decidir e inovar continuamente. A Copa também lembrou que grandes conquistas são coletivas. Nenhum título nasce do esforço isolado de um craque. Há equipes técnicas, profissionais especializados, planejamento e confiança mútua. O mesmo vale para organizações e comunidades: resultados duradouros surgem quando pessoas trabalham com propósito comum.

Outro aprendizado importante é que tradição, sozinha, não garante vitórias. A história inspira, mas o futuro pertence a quem evolui. Quem insiste em repetir fórmulas do passado corre o risco de ficar para trás. Quando a torcida silencia e os holofotes se apagam, permanece a pergunta que vale para todos: o que faremos com as lições que ficaram? No futebol, como na vida e nos negócios, vencer é consequência de preparo, visão de longo prazo, coragem para mudar e capacidade de construir o futuro antes que ele chegue. A pergunta que a Copa nos deixa é simples: estamos formando estrelas ou construindo equipes capazes de vencer de forma sustentável? Por que os campeonatos terminam. Os desafios da liderança, da inovação e do desenvolvimento, esses recomeçam todos os dias. O verdadeiro legado de qualquer conquista não é a taça erguida diante das câmeras, mas a capacidade de inspirar novas gerações a fazerem ainda melhor.

Consultora em Gestão de Relacionamentos e Comunicação

Empresas, instituições e cidades enfrentam mudanças aceleradas

O corte de juros que nunca existiu

Henrique Torrescana Trevisan

Em dezembro de 2025, o Boletim Focus projetava a Selic fechando 2026 em 12,25% ao ano, um corte de 2,75 pontos percentuais frente aos 15% do final do ano passado. Sete meses depois, a mesma pesquisa já aponta o fechamento do ano em 14%, refletindo um corte de apenas 1 ponto percentual neste ciclo. A guerra no Oriente Médio e o risco de um novo El Niño ajudam a explicar parte do atraso, mas são fatores que vieram para ampliar um problema que já estava posto, o fiscal. O Brasil tem eleição presidencial em outubro, e todo ano eleitoral segue um roteiro conhecido por todos os brasileiros.

O gasto público se acelera, os programas sociais ganham reforço, as emendas parlamentares são liberadas mais rapidamente e o consumo reage no curto prazo. Esse padrão já estava mapeado muito antes do início do conflito no Oriente Médio, e ajuda a explicar por que a inflação de serviços segue pressionada, o mercado de trabalho segue apertado e as expectativas de inflação para os próximos anos seguem desancoradas.

Esse é o conjunto de fatores que trava o ritmo de corte do Banco Central, sustentado, principalmente, pelo quadro fiscal, que deve seguir pressionado pelo menos até o final de 2026. Com isso, o descasamento entre receita e despesa se transforma em novo endividamento, que é rolando a um juro cada vez mais alto, e o serviço mais caro da dívida volta a pressionar o caixa do ano seguinte, em um ciclo que corrói progressivamente a capacidade de pagamento do País. O mercado enxerga esse contexto e precifica de duas formas: no juro real, que segue entre os mais altos do mundo; e na classificação de risco, hoje Ba2 pela Moody's, dois degraus abaixo do grau de investimento. Para reverter esse cenário, é preciso um ajuste fiscal crível, que resulte na ancoragem das expectativas de inflação, permitindo que o juro volte a um patamar mais baixo e o país recupere o grau de investimento. Enquanto esse ajuste não ocorrer, por mais que o mercado queira se iludir com a queda da Selic, os fundamentos não vão permitir que ela aconteça. E quanto mais o ajuste fiscal demorar, pior fica o ambiente de negócios e o custo do dinheiro, com a conta, como de praxe, ficando com o pagador de impostos, que segue pagando o pedágio de financiar um Estado improdutivo.

Economista, sócio da Bateleur e associado do Instituto de Estudos Empresariais (IEE)